
II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL



DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

PATRIMÔNIO IMATERIAL: SIGNIFICAÇÕES SOBRE A PRÁTICA CULTURAL DE UM POVO

Ishangly Juana da Silva, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia

ishanglypetg@gmail.com, cidasatto@hotmail.com

Resumo

Este artigo é um recorte teórico do Trabalho de Conclusão de Curso que trata sobre o lugar que as mulheres negras ocupam em um terno de Congada da cidade de Ituiutaba-MG. Neste artigo, em específico, o objetivo foi refletir sobre a congada como patrimônio cultural imaterial do povo negro. Com esse intuito, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, destacando o trabalho de Naves e Katrib (2008), e a Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, de 2003, publicado pela Unesco. A leitura dos artigos e do documento contribuiu para a compreensão de que ao analisar a festa de congada precisa-se considerar que as manifestações culturais presentes em cada grupo podem variar e ter significados diferentes entre seus membros, pois cada um se constrói a partir de suas especificidades, costumes, subjetividades e pertencas identitárias. A construção da identidade negra também passa por um processo de rompimento da obra que a escravidão deixou, o que requer pesquisas que evidenciem as práticas realizadas pelo povo negro, em um diálogo que revele o que pensam, fazem e sentem. Desse modo, este trabalho pode contribuir para outras pesquisas que desvelem os personagens que fazem parte da história da Congada de Ituiutaba, mas também de outras manifestações culturais importantes para a compreensão do legado deixado por grupos anteriormente marginalizados e invisibilizados.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial. Congada. Cultura.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo precípuo refletir sobre a congada como patrimônio cultural imaterial do povo negro. Compreende-se que ainda é recorrente a invisibilidade social da/o negra/o e seus saberes ancestrais, relacionados à cultura africana e afro-brasileira. Nessa perspectiva, entende-se que os saberes e os fazeres desse grupo social são seu patrimônio cultural, uma vez que esse “conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, [são] suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo” (RODRIGUES, 2012, p.4). Assim, ao valorizar os valores, costumes, religião, dentre outros,

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



contribui-se para que eles possam ser conservados ao longo das gerações, como o que ocorre em relação à cultura dos povos negros.

Deve-se ressaltar, contudo, que o interesse social pela cultura africana e afro-brasileira é recente, uma vez que sua importância se expressava entre os integrantes de grupos étnicos ou pesquisadores no assunto. Por meio da luta do Movimento Negro, que culminou com a criação e aprovação da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), e obrigou a existência de discussões sobre questões étnico-raciais no ambiente escolar, é que a procura em conhecer sobre a cultura da população negra ganhou maior visibilidade.

Nesse sentido, desconstruir ideias preconcebidas sobre o continente Africano, assim como sobre a folclorização de seus valores e costumes, possibilita a valorização da cultura africana e afro-brasileira, um dos aspectos mais importantes para uma educação que combata a discriminação racial em todos os níveis de ensino.

Ao tratar sobre a congada, contribui-se para que professores e estudantes possam analisar a temática das relações étnico-raciais, refletindo sobre a construção da identidade negra por meio da cultura, enaltecendo assim, as práticas educativas realizadas no interior de determinados grupos sociais.

A Congada como patrimônio do povo negro no Brasil

Pensar a cultura de um povo e tudo o que ela representa na construção identitária e de pertencimento de determinado grupo étnico em relação ao espaço geográfico, político e social é uma reflexão necessária ao indagarmos sobre como determinados traços culturais devem ser resguardados e ressignificados a partir das relações humanas ao longo dos anos. Sabendo que é por meio da cultura que os povos produzem modos de ser e estar na sociedade, a manutenção de práticas culturais enquanto patrimônio imaterial de uma comunidade se apresenta como modo de perpetuar vivências específicas de determinado grupo e ao mesmo tempo, as pluralidades existentes nele, que são recriadas ao longo das gerações.

Em documento publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Paris, no dia 17 de outubro de 2003, intitulado “Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage” (Convenção para a

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial) foram definidos alguns aspectos relacionados à segurança, proteção, conscientização, dentre outros, referentes ao patrimônio cultural imaterial enquanto fonte de diversidade cultural e construção de saberes e fazeres. Segundo o documento, a Convenção teve o objetivo de discutir:

- a) a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial;
- b) o respeito ao patrimônio cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos;
- c) a conscientização no plano local, nacional e internacional da importância do patrimônio cultural imaterial e de seu reconhecimento recíproco;
- d) a cooperação e a assistência internacionais. (UNESCO, 2003, p. 4)

A partir dos objetivos estipulados na conferência, questiona-se: o que de fato pode ser definido como patrimônio cultural imaterial? Em que medida é possível pensar na elaboração de instrumentos que, se efetivados, contribuam para a proteção de formas culturais dinâmicas, que se criam e (re)criam muitas vezes por meio da oralidade, como no caso da festa de Congado, na qual as formas de registro precisam ter um olhar sensível aos sujeitos fazedores dessas práticas para poder compreendê-las de modo que não se percam ao longo do tempo, e possuam seu espaço na história da humanidade.

É importante salientar que,

(...) a noção de patrimônio imaterial ou intangível, ela própria complexa, desdobra para uma série de entendimentos interligados a outras tantas noções e categorias que não se confinam aos esquematismos de definições pontuais. Inscrevem-se aqui, por exemplo, a noção de cultura e nela, a cultura popular, as noções de tradição e memória, questões identitárias e, evidentemente, o cotidiano, palco de toda representação. (NEGRÃO, 2006, p.12).

Ou seja, mesmo que se encontrem algumas conceituações sobre o que vem a ser patrimônio imaterial, este precisa ser considerado como permeado por variantes que o caracterizam, promovendo assim um amálgama de significados.

Mesmo não sendo o foco deste trabalho, é necessário questionar sobre como as políticas públicas, que se referem à proteção desse patrimônio, efetivam-se de acordo com o fim a que elas foram elaboradas, e principalmente se elas contribuem para garantir a real proteção das diversas manifestações culturais produzidas cotidianamente pelas pessoas, sejam coletiva ou individualmente. Destaca-se que

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



(...) os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda (...). (UNESCO, 2003, p.3).

Nesse sentido, entende-se ser de extrema importância o olhar do poder público às medidas que viabilizem a criação de políticas, tanto de incentivo quanto de manutenção, proteção, documentação e pesquisa do diverso arcabouço cultural produzido no mundo e, em específico, no Brasil. Um dos fatos que contribuíram para a propagação dos meios de se compreender o patrimônio imaterial brasileiro, e também suas formas de preservação, foi o lançamento do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, em 2004. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) também vem construindo ferramentas no intuito de registrar e resguardar os bens de “natureza imaterial”. (SILVEIRA, 2006)

Sendo assim, esses recursos produzidos por grupos sociais, enquanto patrimônio cultural imaterial, é compreendido como

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 4).

Ainda, tal patrimônio se manifesta por diversos meios, tais como “a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais.” (UNESCO, 2003, p. 5).

Dessa forma, a Congada como patrimônio imaterial, configura-se enquanto prática cultural festiva, sócio-histórica, com base em significados e conhecimentos ancestrais,

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



passados tradicionalmente entre as gerações que a vivenciam e ressignificam. Compreender suas origens possibilita a valorização e perpetuação dos saberes e fazeres dos povos congadeiros, enaltecendo uma das expressões culturais da população negra do país.

Após a colonização africana, os europeus se voltaram à missão de conversão dos escravos à fé católica. Uma das formas utilizadas para atingir tal fim, foi o uso da catequização cristã para que a religiosidade dos negros escravizados se direcionasse à adoração da igreja e seus santos, negando assim os cultos religiosos praticados em diversos locais de África. Assim, o catolicismo de Portugal incutiu à comunidade de negros a referência de santos como Nossa Senhora do Rosário, por exemplo.

No Brasil, os escravizados eram separados de suas etnias de origem para que não se organizassem e nem pudessem se comunicar, tendo em vista seus diferentes dialetos. Como forma de organização e sobrevivência, houve reagrupamentos a partir de traços étnico-culturais em comum. Os grupos de Congada são originários de tais agrupamentos. No entanto, se por um lado essa manifestação cultural se configurou como uma das formas encontradas pelo colonizador de manter controlados e submissos seus escravizados, por outro foi uma maneira de configurarem-se ali as futuras irmandades. (NAVES; KATRIB, 2008).

Com relação ao estado de Minas Gerais,

(...) segundo reza a história, a festa do Congado surgiu quando um antigo rei africano veio para o Brasil. Segundo a lenda, Francisco, escravo batizado com o nome de Chico-Rei era imperador do Congo e veio para Minas Gerais com mais quatrocentos escravos. Durante a viagem, Francisco perdera a mulher e seus filhos, sobrevivendo apenas um. Chico Rei instalou-se em Vila Rica, trabalhou nas minas e unindo o trabalho de domingos e dias santos, realizou economia conseguindo comprar sua liberdade e a de seu filho. Posteriormente, obteve a alforria de seus súditos e adquiriu a Mina da Escandideira, da qual tirava seu sustento. Chico-Rei casou-se novamente e depois organizou a irmandade do Rosário e Santa Efigênia, construindo uma igreja no Alto da Santa Cruz, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos onde a comunidade negra se reunia para agradecer e homenagear a Senhora do Rosário. Tempos depois, por solenidade da festa dos Reis Magos, Chico-Rei e sua rainha, (...) foram coroados após um cortejo que seguiu-se pela cidade simbolizando a luta dos negros por liberdade, (...) cantando, dançando, festejando e louvando Nossa Senhora do Rosário como forma de agradecimento por ter-lhes concedido a liberdade tão esperada. (NAVES; KATRIB, 2008, p. 2).

De acordo com o que foi exposto, entende-se que, sob alguns aspectos, a congada

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



estabelece relações com a religiosidade de um povo, revelando a ressignificação cultural, como forma de resistência de práticas e conceitos culturais dos ternos de congada.

Em âmbito local, a festa de Congada no município de Ituiutaba ocorre há mais de 60 anos, sendo que o terno Moçambique Camisa Rosa configura-se como o mais antigo da cidade. Atualmente, Ituiutaba conta com 7 ternos, em sua maioria de matrizes católicas, mas contendo também grupos que se autodenominam com matrizes afro-brasileiras. A festa recebe grupos de toda a região durante os dias de festividade que ocorre anualmente no mês de maio, e é uma das expressões artístico-culturais mais relevantes do município.

Nas primeiras décadas do século XX,

Em Ituiutaba, segundo relatos de alguns congadeiros, os festejos aconteciam em fazendas nos arredores da cidade onde também se criavam os ternos. Com o devir do tempo, a festa tornou-se conhecida, (...) foi trazida para a cidade de Ituiutaba. Contudo, o pároco da época não aceitou que os congadeiros adentrassem, permanecessem dentro da Igreja, proibindo a realização da festa no local. Esta proibição se deu porque os congadeiros, apesar de devotos de São Benedito, não seguiam a religião católica, mas sim outras de origem africana. (...) Enquanto isso, nos arredores de Ituiutaba, para homenagear sua esposa Geralda Ramos da Silva em seu aniversário no dia 2 de Abril de 1951, o senhor Demétrio Silva da Costa (Cizico) convidou seu pai Marciano Silvestre da Costa, seu irmão Geraldo Clarimundo da Costa e vários outros amigos para brincarem de Moçambique e comemorarem a data. Dessa brincadeira, os participantes resolveram levar adiante a ideia, com o intuito de, mais tarde, fundaram realmente um terno de Moçambique. (NAVES; KATRIB, 2008, p. 3).

A partir da segunda metade do século XX, a prática festiva foi se reafirmando ano após ano, enquanto movimento de resistência e produção de cultura do povo negro brasileiro, configurando-se assim enquanto movimento de viés imaterial.

Considerações finais

Ao estudar a festa de congada, e todas as suas nuances, precisa-se considerar que as manifestações culturais presentes em cada grupo podem variar e terem significados diferentes entre seus membros, pois cada um se constrói a partir de suas especificidades, costumes, subjetividades e pertencas identitárias.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



A construção da identidade negra também passa por um processo de rompimento da obra que a escravidão deixou, o que requer pesquisas que evidenciem as práticas realizadas pelo povo negro, em um diálogo que revele o que pensam, fazem e sentem. Compreende-se, dessa forma, que esta pesquisa bibliográfica pode contribuir para outras pesquisas que desvelem os personagens que fazem parte da história da Congada de Ituiutaba, mas também de outras manifestações culturais importantes para a compreensão do legado deixado por grupos anteriormente marginalizados e invisibilizados.

Referências

BRASIL. **Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 25 fev. 2017.

NEGRÃO, Thereza. Entorno que transborda. In.: MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão de. (org.) **Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE**. Brasília: Petrobras, p. 9-17, 2006.

NAVES, Fernanda Domingos; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Cultura, identidade e religiosidade: mapeamento e reconstrução histórica dos ternos de congado da cidade de Ituiutaba-MG. **4ª SEMANA DO SERVIDOR e 5ª SEMANA ACADÊMICA. 2008–UFU 30 anos**, 2008. Disponível em: <<https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/SA08-20714.PDF>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. 2012. Disponível em: <<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SILVEIRA, Alex da. Travessias no patrimônio imaterial de buritis. In.: MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão de. (org.) **Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE**. Brasília: Petrobras, p. 21-53, 2006.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL



DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. 2003. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.